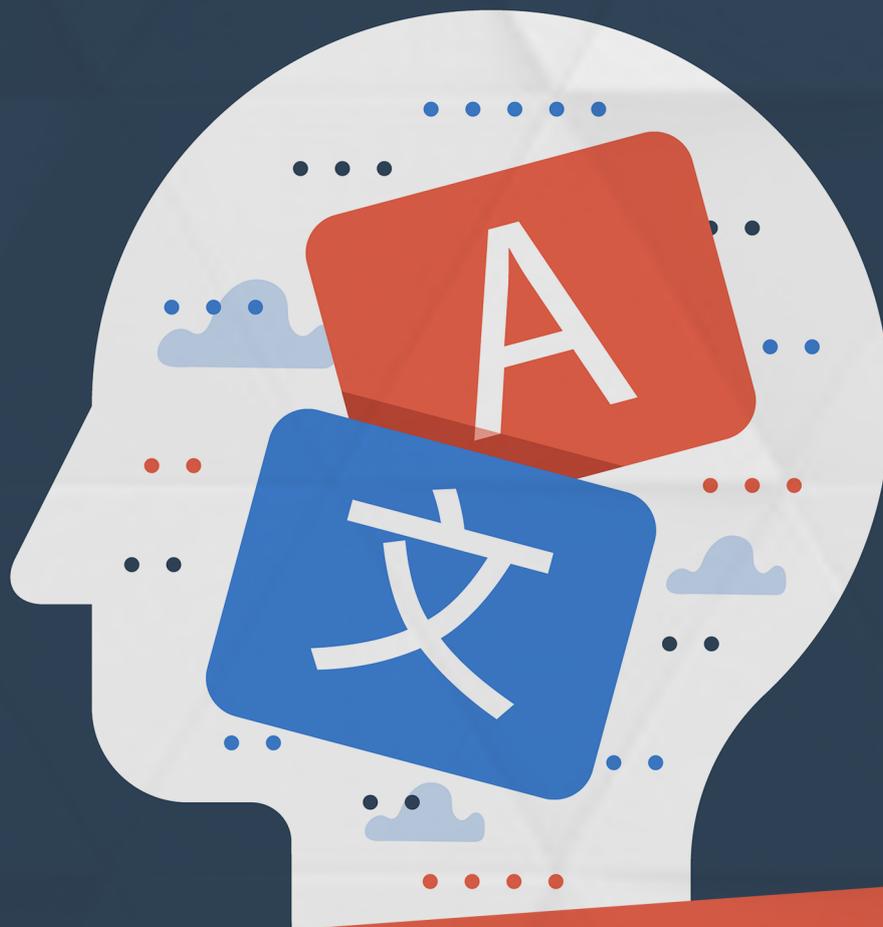


LETRAS: SEMIÓTICA, LINGUÍSTICA E SUAS VERTENTES



**ANGELA MARIA GOMES
(ORGANIZADORA)**

Atena
Editora

Ano 2020

LETRAS: SEMIÓTICA, LINGUÍSTICA E SUAS VERTENTES



**ANGELA MARIA GOMES
(ORGANIZADORA)**

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L649 Letras: semiótica, linguística e suas vertentes [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena
Editora, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-923-3
DOI 10.22533/at.ed.233201601

1. Letras. 2. Linguística. 3. Semiótica. I. Gomes, Angela Maria.
CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em uma definição simplificada, a semiótica revela as formas como o indivíduo dá significado a tudo que o cerca, estudando os signos e todas as linguagens e acontecimentos culturais – Artes visuais, Música, Fotografia, Cinema, Moda, Gestos, Religião... – Letras: Semiótica, Linguística e suas Vertentes traz uma seleção de artigos que estudam como estes mecanismos de significação se processam natural e culturalmente.

Partindo desde análises de romances - Chão Bruto, quanto ao seu processo de elaboração -; passando pela transposição de elementos literários de Rachel de Queiroz para a visualidade televisiva; poemas como Mal Secreto - a partir da ótica da análise do discurso considerando fatores como o contexto social e histórico em que foi produzido, apontando, numa abordagem inovadora, alguns motivos os quais podem levar alguém a uma vida de aparências e analisar como o poema apresenta uma temática muito presente nos dias atuais: a depressão -; chegamos até a Literatura Amazonense e sua abordagem durante a formação acadêmica.

Os avanços tecnológicos configuram mudanças significativas na linguagem, nessa perspectiva, novas formas textuais emergem e apresentam outras concepções de textos. Aqui encontramos os “memes”, apresentados como gêneros que acrescem a possibilidade de uma leitura dinâmica e participativa por oferecer categorias discursivas e aspectos multissemióticos na sua composição, ampliando assim os estudos linguísticos e discursivos. Enfocando o gênero biográfico, enquanto elemento que legitima expressões e perspectivas dissidentes, discute-se a expressão (auto) biografia - concebida como expressão que permite apreender conjunturas coletivas a partir de óticas individuais.

É notório como a educação ainda enfrenta problemas relacionados à questão da linguagem. Por conseguinte, o professor e a escola desempenham um papel primordial nessa questão, pois são esses os encarregados em fazer com que o indivíduo obtenha um bom aprendizado no seu desenvolvimento linguístico. Nesse sentido, a formação profissional dos educadores deve estar sempre em evidência para suprir tais demandas. Dessa forma aqui encontramos estudos acerca do desenvolvimento progressivo de docentes, assim como a prática de uma educação inclusiva, tanto no que diz respeito a alunos com deficiência, e mesmo aqueles que vivem em periferias, apresentando a linguagem como uma forma de empoderamento desses indivíduos.

Viver em uma sociedade em letramento requer a competência de concretizar distintas formas de leituras que emergem cotidianamente, assim como práticas pedagógicas que sejam de natureza inclusiva e emancipatória. Letras: Semiótica, Linguística e suas Vertentes vem no auxílio dessas reflexões.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PRÁTICA INTER-REFLEXIVA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS	
Yuri Andrei Batista Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2332016011	
CAPÍTULO 2	11
ANÁLISE DISCURSIVA DO POEMA “MAL SECRETO”, DE RAIMUNDO CORREIA: OS SENTIMENTOS POR TRÁS DAS MÁSCARAS	
Vitória Carvalho dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2332016012	
CAPÍTULO 3	21
ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA DE MEMES ANTIFEMINISTAS	
Adriana Coelho Freitas Avacy Primário de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2332016013	
CAPÍTULO 4	33
COLONIALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DO VOTO VENCIDO DO JULGAMENTO DA ADI 5357	
Bianca Quitéria de Moura Santana Virgínia Colares	
DOI 10.22533/at.ed.2332016014	
CAPÍTULO 5	50
ESPAÇO BIOGRÁFICO: MÚLTIPLAS FORMAS DE ENUNCIÇÃO E PERSPECTIVAS DISSIDENTES	
Leandro Souza Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2332016015	
CAPÍTULO 6	65
LITERATURA E REPRESENTAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL NO ROMANCE <i>CHÃO BRUTO</i> DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.2332016016	
CAPÍTULO 7	77
<i>MEMORIAL DE MARIA MOURA</i> , A MULHER NO FAROESTE-FOLHETIM BRASILEIRO: NOVAS PERSPECTIVAS LITERÁRIAS E TELEVISIVAS DA CULTURA	
Camille Harzig Carradore Dirceu Martins Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2332016017	
CAPÍTULO 8	89
O DISCURSO INCLUSIVO NO LETRAMENTO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL COM UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS	
Jandira Azevedo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2332016018	

CAPÍTULO 9	101
O EMPODERAMENTO POR MEIO DA LINGUAGEM: UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DE FUTURO OBSERVADA EM TEXTOS ESCOLARES DA PERIFERIA DE BRASÍLIA	
Mara Cristina Santos Freitas Escórcio	
DOI 10.22533/at.ed.2332016019	
CAPÍTULO 10	112
O IMPACTO DA PEC 241/55 NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NAS ESCOLAS PÚBLICAS	
Cíntia Cleane Bonfim Fragoso	
Juan Facundo Sarmiento	
DOI 10.22533/at.ed.23320160110	
CAPÍTULO 11	123
O LETRAMENTO LITERÁRIO AMAZÔNICO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LETRAS NA CIDADE DE MANAUS	
Maison Antonio dos Anjos Batista	
Maridulce Ferreira Lustosa	
DOI 10.22533/at.ed.23320160111	
CAPÍTULO 12	138
REFLEXÕES SOBRE MULTIMODALIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL (PBLA): POTENCIALIDADES DA RESSEMIOTIZAÇÃO DE VÍDEOS	
Janaína de Aquino Ferraz	
Glauber Rodrigues de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.23320160112	
CAPÍTULO 13	142
REPÓRTER-PERSONAGEM: FOCO NARRATIVO, SEMIOSE E VINCULAÇÃO NA REPORTAGEM 'A CASA DE VELHOS', DE ELIANE BRUM	
Maria Cecília Costa Braga da Silva	
Ítala Clay de Oliveira Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.23320160113	
SOBRE A ORGANIZADORA	147
ÍNDICE REMISSIVO	148

O LETRAMENTO LITERÁRIO AMAZÔNICO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LETRAS NA CIDADE DE MANAUS

Data de aceite: 13/12/2019

Maison Antonio dos Anjos Batista

Pós-graduando em Docência Universitária na Faculdade Salesiana Dom Bosco - FSDB. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Maridulce Ferreira Lustosa

Professora Orientadora Mestre e pós-graduada em Docência Universitária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
E-mail: mlust24@gmail.com.

RESUMO: Este artigo tem como tema o letramento literário amazônico na formação do professor de letras na cidade de Manaus. O objetivo é saber se a escola se propõe a usar e como trabalha a Literatura Amazonense dentre os vários materiais literários existentes. Foi feita a coleta de dados tendo 07 (sete) professores por amostragem e 453 alunos, essa indagação é gerada uma vez que essa literatura existe e que um dos papéis que a literatura exerce é o de fazer com que o cidadão se identifique junto ao meio em que está inserido, ela é imprescindível para que o aluno perceba que existe uma literatura de sua região e de que a mesma se faz necessária para que o aluno se reconheça dentro dessa literatura como fator relevante para a construção da sua identidade

através da literatura de sua região. Esse papel cabe à escola e conseqüentemente à Universidade, já que essa é responsável por munir seus graduandos de arcabouço teórico-literário capaz de deixá-lo preparado para os desafios presentes nas salas de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário; Literatura Amazonense; Formação do Professor.

ABSTRACT: This article has as its theme the literary literary Amazonian in the formation of the teacher of letters in the city of Manaus. The goal is to know if the school intends to use and how Amazonian Literature works among the various literary materials that exist. Data collection was done with seven (7) teachers per sample and 453 students, this question is generated since this literature exists and one of the roles that the literature exercises is to make the citizen identify with the environment in which it is inserted, it is essential for the student to perceive that there is a literature of his region and that it is necessary for the student to recognize himself within that literature as a relevant factor for the construction of his identity through the literature of your region. This role belongs to the school and, consequently, to the University, since it is responsible for providing its students with a theoretical-literary framework capable of leaving it prepared for the challenges present in the classrooms.

KEYWORDS: Literary literacy; Amazonian Literature; Teacher Training.

1 | INTRODUÇÃO

Existe uma preocupação muito grande no que tange a questão do letramento literário em sala de aula, uma vez que se exige uma identificação do leitor com o texto lido por ele, pois

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. (COSSON: 2014, p. 17)

Para tanto é necessário formar cidadãos letrados fazendo uso das competências que o ato de ler pode proporcionar e das possibilidades que a leitura permitem sejam no âmbito da busca por informação ou entretenimento, bem como por uma identificação por parte do leitor para com o que ele lê, pois com o letramento é possível “descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo (delinear o mapa de quem você é), e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser. (SOARES: 2006, p. 43)

Porém, mais do que letrar pessoas é preciso oferecer material para que essas pessoas se identifiquem naquilo que leem e assim possam compreender sua origem e criar potencial crítico. Dessa forma, ao se deparar com um texto literário, o indivíduo se percebe inserido em um contexto social que lhe permite dialogar, criticar e questionar o meio em que se insere, pois tem elementos identitários nesse processo de letramento.

O melhor lugar para esse processo ser desenvolvido é o ambiente escolar, que apesar de agregar diversas funções, é responsável também de propor um arcabouço literário suficiente para que o indivíduo, ao fim do processo escolar, continue lendo e usando essa como ferramenta para aprender e obter conhecimento. Não é uma tarefa fácil, uma vez que muitas vezes

Os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social-econômico cultural. Principalmente para alunos economicamente desfavorecidos, o acesso ao circuito literário é, às vezes, tão impensável quanto um cruzeiro para as ilhas gregas. (DALVI: 2013, p. 75).

É possível notar na afirmação de Dalvi (2013) o quão delicada é a situação do contato com a leitura. Mas esse problema é anterior até à escola. Desenha-se ainda no período de formação do professor, que ao chegar na educação básica, segundo Cosson (2014) trata a literatura no Ensino Fundamental como qualquer texto escrito que apresente proximidade com ficção ou poesia, já no Ensino Médio concentra-se na história da literatura brasileira.

Assim, não existe uma aproximação e identificação por parte do leitor com os

textos oferecidos, sendo que estão sendo apresentados de forma desconexa com o papel que a Literatura se propõe, “A especificidade da obra literária enquanto objeto cultural decorre não apenas da natureza dos conteúdos que ela exprime, mas também da maneira como ela os comunica”. (JOUVE: 2012, p. 136)

1.1 Letramento: Conceituando e avaliando

Não há uma definição universal para letramento, apesar de haver uma busca constante por parte dos estudiosos dessa área em tentar delimitá-la, pois como afirma Soares: “o conceito de letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidade e conhecimentos individuais às práticas sociais e competências funcionais e, ainda, a valores ideológicos e metas políticas” (2006, p. 80-81). Portanto há vários programas nacionais e internacionais que têm investido nessa questão.

Assim, percebe-se que a ideia de letramento não está ligada apenas a uma decodificação de signos linguísticos como sinônimo de, mas de uma relação social constante, e nessa deve ser incluído que propostas se quer alcançar, ou seja, que tipo de leitor se idealiza. Assim, é preciso compreender o que se entende por alfabetismo e seus níveis quanto às habilidades de letramento.

Para definir os níveis de alfabetismo o INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional) identificou quatro níveis no que diz respeito às habilidades de letramento: o analfabeto e alfabetizado em três níveis distintos – rudimentar, básico e pleno. É considerado *analfabeto* o indivíduo que não consegue fazer a decodificação dos signos para formulação de palavras e frases e assim extrair uma informação contida em um determinado material escrito. Está no nível *Alfabetismo rudimentar* o indivíduo que além de decodificar os signos formando palavras e frases têm a capacidade de localizar informações explícitas em textos curtos, como um anúncio ou pequena carta. No *Alfabetismo nível básico* está o indivíduo que além de localizar informações em textos mais extensos ainda realiza pequenas inferências. O indivíduo que consegue ler textos longos, orientando-se por subtítulos, localizando mais de uma informação no texto, comparando dois textos, consegue realizar inferências e sínteses, está no nível *Alfabetismo pleno*.

Costa nos diz que:

É nesse sentido que podemos entender letramentos como um conceito mais amplo da alfabetização no sentido tradicional. O conceito de letramento se liga ao conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção de o quê, como quando e por quê ler e escrever. (2004, p. 25)

Entre os programas que avaliam a qualidade da educação está o Programa Internacional de Avaliação de Alunos – PISA, que é um programa internacional de avaliação comparada, tendo como finalidade principal produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais. Ele avalia o desempenho de alunos na faixa dos 15 anos, idade essa em que se imagina que a escolaridade básica na maioria dos

países já tenha terminado.

Em 2009, o Brasil ficou na 54^o posição sendo avaliado com 64 países, ficando com a média 2 em uma escala que vai de zero a 6 no que diz respeito a leitura e 1 em ciências e 1 em matemática. Em 2006, quando os países avaliados eram ainda somente 57, o Brasil ocupava a 48^o posição em leitura e em matemática e em ciências a 53^o. Apesar de ter subido algumas posições ainda não é significativo este resultado, o que significa que os jovens ainda não possuem competências suficientes para interpretações literais de resultados tanto de pesquisa científica quanto de dados numéricos, que são atividades corriqueiras do cotidiano de qualquer pessoa inserida em uma sociedade. O Brasil participou pela primeira vez do PISA em 2000 e cresceu 33 pontos em seu desempenho entre os países que mais aumentaram a média das notas nas três áreas.

O PISA busca não só analisar os conhecimentos básicos que são componentes que cabem à escola inferir nos alunos, mas procura também verificar a capacidade de raciocínio dos alunos e de refletir ativamente sobre os conhecimentos e experiências que terão importância na vida dos alunos na fase escolar.

Apesar de esquemas cognitivos de leitura, habilidade essa necessária para que um indivíduo passa continuar aprendendo de forma autônoma, o PISA busca verificar como estão sendo utilizadas essas capacidades. Ele avalia, então, a capacidade dos indivíduos que passam pela avaliação em usar seus conhecimentos e habilidades para encontrar soluções para as dificuldades da vida em sociedade. Conhecimentos e habilidades são associados buscando representar os níveis de leitura que são desenvolvidos na escola e assim representá-los em “níveis de alfabetismo em leitura” ou “níveis de letramento”.

1.2 Letramento literário escolar

A leitura está presente em todas as nossas atividades cotidianas, mas a leitura literária é um elemento que tem passado despercebido e deixado de lado no cotidiano escolar. Propor textos literários não é uma ação fácil de ser aplicada em sala de aula, pois se faz necessário uma série de considerações que devem ser levados em consideração. Assim, Jouve, resume essas considerações:

...o (simples) leitor percebe certo número de informações veiculadas pelo texto; o comentador identifica ou constrói saberes a partir dessas informações; o professor transforma esses saberes em conhecimentos. Um saber não se torna efetivamente conhecimento, a não ser que seja objeto de uma reapropriação pessoal que passa pela tomada de consciência. (2012, p.137)

A reapropriação da qual fala Jouve relaciona-se com o que Soares citou anteriormente. Quando o leitor toma para si o conhecimento, recriando-o, leva em consideração seus valores ideológicos, pois já possui em sua bagagem um conhecimento prévio, seu conhecimento de mundo. Dessa forma, é importante propor

aos alunos várias obras literárias para que ele possa aumentar seu arcabouço de leitura, tornando-o um indivíduo letrado.

Possibilitar que um aluno consiga desenvolver todas as habilidades no que diz respeito ao que compete à escola é de difícil completude, pois cada vez mais a escola recebe tarefas que vão além da formação escolar, é necessário espaço, inclusive para incutir nos alunos valores morais. Mas essa não deve se esquecer do seu papel de preparar o indivíduo, para que dentro de um período de tempo pré-estabelecido, seja autônomo e consiga continuar aprendendo no fim desse tempo. Entre essas tarefas, temos a habilidade de fazer com que os alunos saibam ler, não somente na decodificação de signos linguísticos, mas interpretar, dialogar e fazer inferências no texto lido, concordando ou discordando com ele.

No que se refere a letramento literário, à escola é depositado o papel de propiciar uma gama de leitura definida como essencial, chamada também de universal ou cânone. Nessas obras estão presentes o registro histórico e as mudanças pelas quais a sociedade passa sejam nos âmbitos sociológicos, políticos e científicos. A escola é o espaço onde esse cânone deve ser trabalhado, mas um problema que se apresenta é o de uma escola que privilegia determinado material em detrimento de outro.

Segundo Alves: “Em princípio, não negamos o cânone, antes, achamos que necessita ser ampliado, incluindo em seu corpus, entre outras manifestações, parte significativa da literatura de origem popular”. (2013, p.35-36). Dessa forma já trazemos uma reflexão do que realmente a escola está proporcionando aos seus alunos enquanto leitura.

Mas é sabido que a escola, pelos mais diversos motivos, não consegue concluir essa tarefa. Não que se queira dizer que os alunos não leem, mas a leitura feita por esses não acompanha o que o currículo escolar se propõe a oferecer. Como já afirmado anteriormente, a escola agrega diversas outras atividades e algumas dessa acabam por ocupar o espaço que deveria ser destinado à literatura, ou ainda, cabe apenas a apresentação de Escolas Literárias desconectadas com a leitura das obras que compõe o período estudado, muitas vezes, como paliativo, são apresentados trechos extraídos das obras, mas que distanciam-se do real papel da Literatura, uma vez que não se faz uma contextualização e discussão daquela literatura dentro do contexto social. O que é pior é que não se busca propor uma identificação da “obra lida”¹ com a realidade desse leitor ainda em formação, já que está na escola.

A leitura de textos literários contribui para a construção integral do cidadão, pois quando esse entra em contato com os elementos próprios da literatura, possibilita “a abertura para espaços de formação promissores” (SILVA: 2013, p. 56). O autor colabora ainda mais com o incentivo ao letramento literário ao lembrar o que Vygotsky afirma sobre a necessidade da dicotomia em relação à fantasia com a realidade, já

1 Entendemos aqui “obra lida” como os trechos de obras que são trazidos a partir livros didáticos, ou ainda, o que os professores utilizam para ilustrar as características que compõe as diversas Escolas Literárias.

que o exercício da fantasia não significa uma fuga da realidade, mas sim uma maneira de se penetrar nela.

Tanto Silva quanto Jouve se complementam no que diz respeito à importância do texto literário na formação do um indivíduo, e aqui tem-se em mente o aluno. Entretanto a escola não tem dado à Literatura o lugar que necessita, havendo um conflito quanto ao que a literatura realmente tem a favorecer na formação de um indivíduo. Para Cosson,

“...as Literaturas só se mantem na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI. A multiplicidade de textos, a onipresença de imagens, a variedade de manifestações culturais, entre tantas outras características da sociedade contemporânea, são alguns dos argumentos que levam à recusa de um lugar à literatura na escola atual”. (2014, p. 20)

Cosson não quer dizer que a leitura literária não deva fazer parte do currículo escolar. A literatura que ele critica é aquela apenas fixada em características de Escolas Literárias, desligadas ou desconectadas com seu papel social. Assim, a literatura, no papel de matéria educativa, apenas se preocupa com a identificação de características, não favorecendo em nada na formação do educando. Para esse autor o “letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (2014, p. 23). Um pouco mais adiante esse mesmo autor alerta, lembrando o que Magda Soares já tinha alertado, é que o desafio é escolarizar a literatura sem descaracterizá-la.

Quando se fala em letramento literário na escola não significa que é a leitura de qualquer livro. Cosson (2014) afirma que os brasileiros leem pouco e que o professor é o responsável pela intermediação entre a leitura e o aluno. Isso colabora ainda mais com o que Silva afirma, em se tratando de formação de espaços promissores à leitura, esse espaço é a escola e o professor é o mediador do processo.

Por isso é importante perceber que

Ao tomar o texto como objeto de leitura, consideramos anteriormente a necessidade de se verificar a interação que há entre a materialidade física do texto e o olhar que o constitui como tal. É entre esses dois limites – a tessitura e o olhar do leitor – que se localizam os quatro modos de ler o texto. (COSSON: 2014, p. 75)

Assim, introduzir textos sem uma ligação direta com a realidade que cada indivíduo está inserido gera uma falácia quando se pretende formar leitores proficientes, ou seja, seres letrados. Portanto, como alguém pode ler um texto sem compreender a finalidade desse e o papel que exerce em sua vida?

O questionamento anterior reflete em uma afirmação muito comum entre os professores, de que seus alunos não leem, como afirma Kleiman: “Os meus alunos não gostam de ler’ é sem dúvida, a queixa mais comumente ouvida entre professores” (2013, p.21). Após essa afirmação a autora defende a ideia de que a leitura deve ser

um ato prazeroso, bem diferente das primeiras experiências que muitos alunos têm, a de procura cansativa de algum termo ou a meras cópias de textos. Para Kleiman, para formar leitores é preciso ter paixão pela leitura.

1.3 Literatura amazônica

O fato de haver pouco ou nenhum espaço para Literatura nas salas de aula já causa estranhamento. Para a literatura amazônica, então é de assustar. Se a literatura está intimamente ligada às mudanças pelas quais a sociedade passa e funciona como registro do comportamento social em suas diversas épocas, é pertinente existir uma identificação do leitor com essa Literatura. Sendo assim, o discente amazônico, além da Literatura canônica, ter contato com uma Literatura que se aproximasse desse leitor, de sua realidade, enquanto amazônica.

O que nos inquieta é saber que existe Literatura Amazônica com a mesma qualidade das dos centros culturais, sabe-se que as literaturas que se afastam desses centros muitas vezes recebem a classificação de regionalistas, algumas vezes com teor pejorativo, o que não quer dizer que não possuam importância e qualidade, pelo contrário, são deixadas de lado por não existirem trabalhos relevantes que enalteçam essas obras. A exemplo disso, podemos citar o livro *Simá: romance histórico do Amazonas*, de Lourenço Amazonas, publicado no mesmo ano de *O Guarani*, de José de Alencar, tendo aquele como personagem principal uma indígena, assim como este o fez.

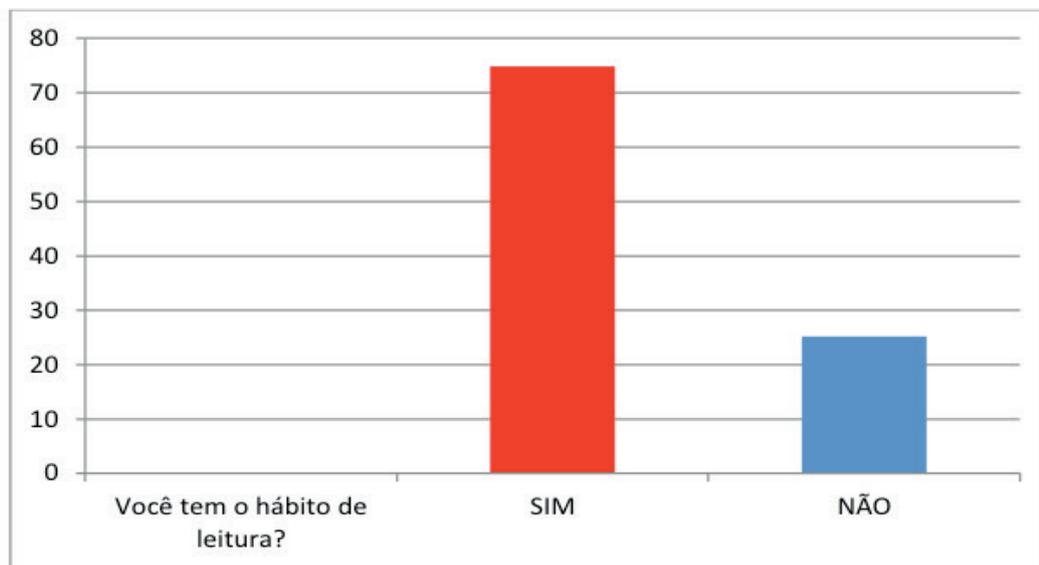
Se existe produção artística literária correspondente às Escolas Literárias e há também uma necessidade de estudos voltados para essas obras, o que falta então para que a Literatura Amazônica seja introduzida nos estudos escolares? Talvez a pergunta mais correta a ser feita seja, o professor da educação básica tem condições de letrar seus alunos no que diz respeito ao letramento literário amazônico? Ou mais além, a Universidade tem preparado seus discentes para letrar seus alunos na Literatura Amazônica?

Buscando responder a esses questionamentos é que este trabalho se propõe, uma vez que existe uma preocupação em relação se a Literatura Amazônica está sendo trabalhada em sala de aula com os alunos da educação básica e se os professores desse seguimento são/ estão preparados para trabalhar com a Literatura Amazônica.

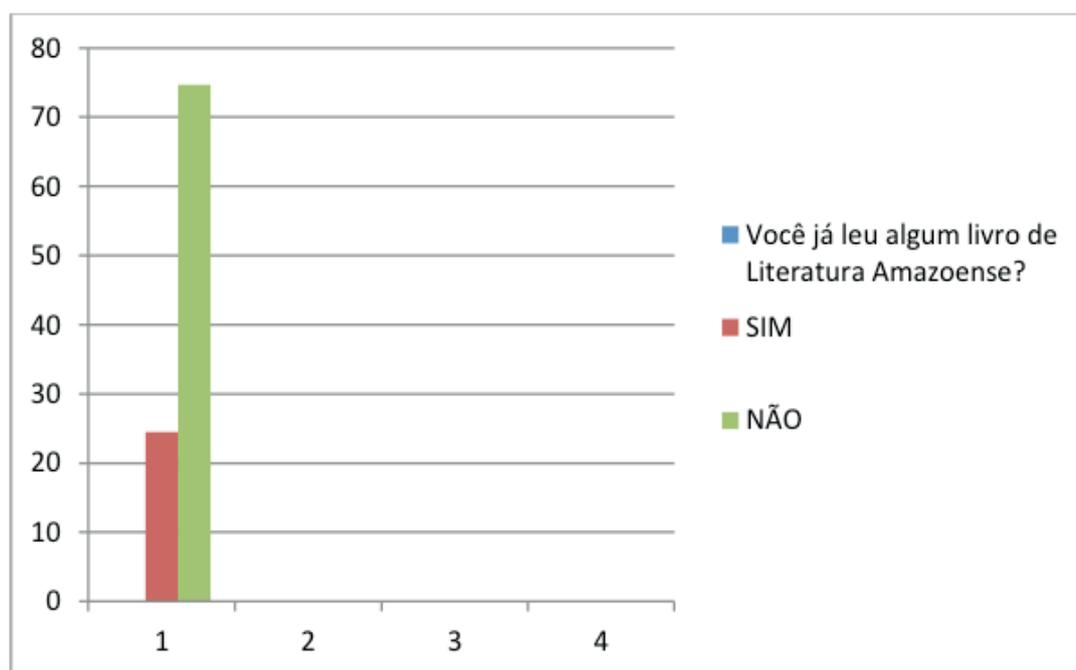
1.4 Análise e apresentação dos dados

Para se obter os dados, os resultados que serão apresentados aplicaram-se um questionário com perguntas abertas e fechadas a um público de 453 alunos de uma escola pública estadual localizada na zona norte da cidade de Manaus, dos turnos matutino e vespertino, tendo representantes da segunda fase do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Além de um questionário aplicado com 07 professores de Língua Portuguesa, dessa mesma escola.

A primeira pergunta do questionário dos alunos tinha como objetivo saber se esses possuem o hábito de leitura, buscando visualizar se esse ato é uma constante na vida deles. Essa era uma pergunta fechada onde o aluno escolhia a opção SIM ou NÃO. Obteve-se como resposta a esse questionamento que quase 75% dos entrevistados possuem o hábito de ler, enquanto que um pouco mais de 26% não o possui.



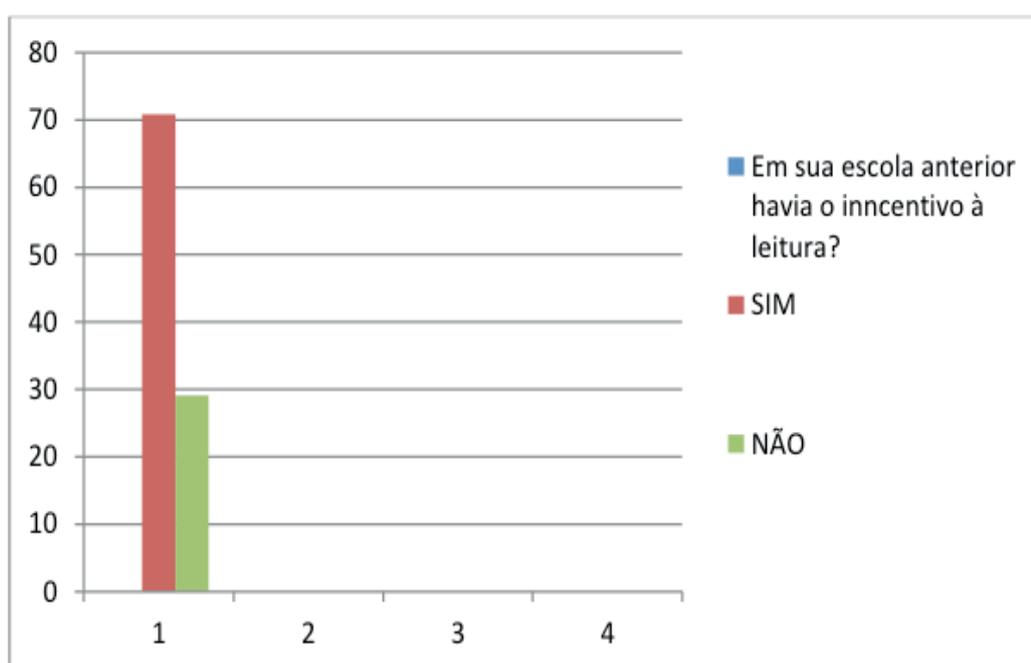
Referente à segunda pergunta, também fechada, cuja as respostas poderiam ser SIM ou NÃO, tinha como objetivo verificar se dentro de suas leituras já tinham tido contato com Literatura Amazonense, que é o objetivo deste trabalho. Com essa pergunta os resultados obtidos foram que quase 25% dos entrevistados já tiveram contato com algum material literário referente à Literatura Amazonense, e que mais de 74% nunca leram algo da Literatura Amazonense.



A terceira pergunta era aberta a qual buscava saber, caso o aluno respondesse que já lera alguma coisa de Literatura Amazonense, qual o nome da obra lida, permitindo que esse pudesse também escrever que não se lembra do nome da obra, como o que se percebeu em algumas respostas.

Procurando verificar se o entrevistado não estaria burlando a resposta da terceira questão, a quarta questão pedia, então, que o aluno falasse um pouco sobre o material lido, verificando-se se o que foi lido pelo aluno realmente condizia com Literatura Amazonense. Nesse quesito, mesmo o aluno dizendo que não lembrava o nome da obra, por sua descrição referente ao livro lido, constatava-se se ele realmente havia lido algo relacionado à Literatura Amazonense.

A quinta questão buscava saber se os alunos, em suas escolas anteriores, eram incentivados à leitura. Essa questão também era fechada, havendo a possibilidade de responder apenas SIM ou NÃO. Essa questão buscava saber se anteriormente à escola que esses estudam já havia algum contato com literatura. Tal preocupação se deu devido ao fato de que na escola onde fez-se a aplicação do questionário já existe a prática da leitura. Nessa escola são adaptados anualmente quatro obras literárias obrigatórias que compõem o material paradidático de cada aluno, desde o 6º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio. Desta forma, poder-se-ia perceber se os alunos já traziam hábitos de leitura de suas escolas de origem.



Assim, como resultado, o que se obteve foi o seguinte, de que quase 71% desses alunos eram incentivados a ler nas escolas da qual vieram; restando um resultado de um pouco mais de 29% não recebiam incentivo nesses ambientes.

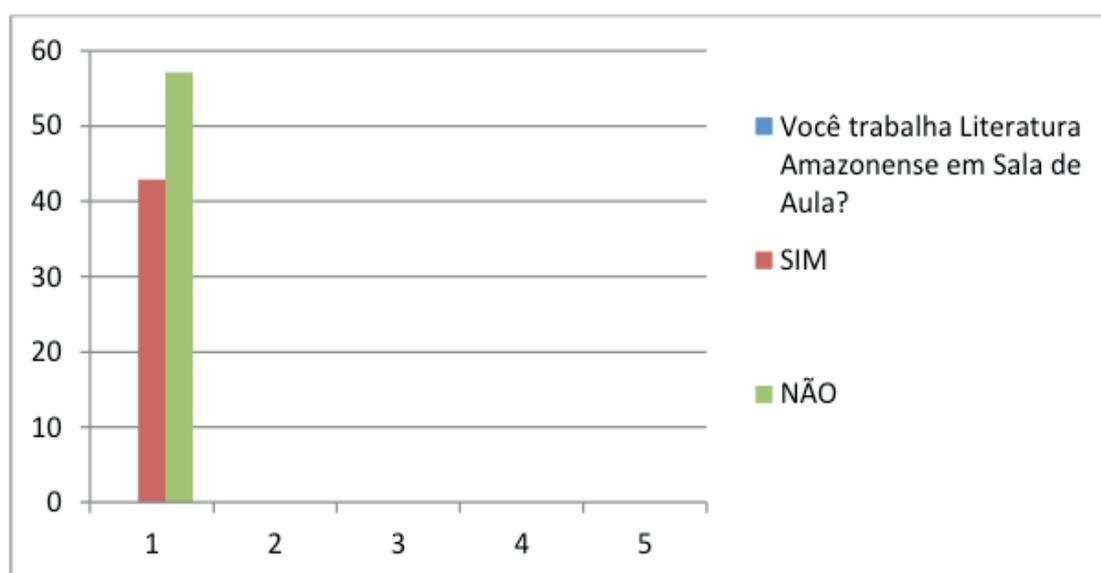
Quanto ao questionário aplicado aos docentes da escola escolhida para a pesquisa, o objetivo buscava verificar se esses professores trabalhavam Literatura Amazonense em suas aulas com seus alunos e se, segundo seu ponto de vista, a

universidade os preparou para trabalhar com esse tipo de literatura, uma vez que é nesse ambiente que se prepara mune o professor para enfrentar os desafios impostos em sala de aula.

Para os docentes, também foram feitos 05 questionamentos, sendo apenas duas com perguntas fechadas, as quais poderiam ser respondidas com SIM ou NÃO.

O questionário foi aplica do a 07 professores que atuam tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Assim as respostas desses professores geraram os seguintes resultados. A primeira pergunta questionava se a graduação os preparou para trabalhar Literatura Amazonense em sala de aula, os 07 professores afirmaram que não, que a graduação não cumpriu com esse papel, correspondendo a 100 por cento do total.

Quanto à segunda pergunta, questionou-se se esse professor trabalhava com Literatura Amazonense, desses entrevistados o resultado foi o seguinte, 03 disseram que sim e 04 disseram que não, essa também era uma questão fechada.



Quanto às questões 03 e 04, essas eram perguntas abertas, que dependiam da resposta 02, caso fosse SIM, assim tentado verificar quais autores o professor tem o hábito de usar com seus alunos e como ele aborda essa literatura com eles.

Por fim, a quinta pergunta procurava compreender se o professor acredita que a Literatura Amazonense contribui para a construção de identidade de seus alunos. Os sete professores entrevistados afirmaram que sim. A mesma pergunta pedia que o professor falasse um pouco sobre seu posicionamento, dando a possibilidade que o professor explanasse como a Literatura Amazonense pode contribuir para essa identificação do aluno.

2 | RESULTADOS OBTIDOS COM A PESQUISA

Diante dos dados recolhidos, o que se percebeu foi que os alunos possuem

o hábito de leitura uma vez que a maior parte deles afirmam praticar esse ato e os mesmos também afirmam que as escolas das quais eles vem já os incentivava a ler, isso colabora para o trabalho feito na escola na qual a pesquisa foi aplicada. Isso é significativo, pois saber que esses alunos praticam leitura permite constatar que enquanto promotora de incentivo à leitura, a escola tem colaborado bastante com essa prática. Porém, mesmo que a número de alunos com o hábito de leitura seja grande comparado à quantidade de alunos que não leem, ainda se faz necessário dar atenção para os alunos que afirmam não ter o hábito de ler, uma vez que esses também estão presentes no mesmo grupo de alunos que praticam a leitura.

O número de alunos que afirmam que não praticam o ato de ler e os que afirmam que em suas escolas anteriores não incentivados à leitura é muito próximo, uma diferença de apenas quase 4% entre um e outro. Assim, nota-se que a escola deve fazer um trabalho mais intenso, primeiro para incentivar seus alunos a lerem e segundo para sanar deficiências advindas de outras escolas. Não se diz que é algo fácil, mas que é necessário, pois cabe à escola propor e incentivar seus alunos a fazerem leituras.

Quanto ao fato dos alunos já terem lido algum material de Literatura Amazonense, é preocupante uma vez que quase três terços dos entrevistados afirmaram não ter tido acesso à Literatura Amazonense. Essa preocupação se dá uma vez que a escola na qual se aplicou a entrevista se localiza no Estado do Amazonas, mas mesmo sendo amazonense essa escola não propõe espaço para que seus alunos possam conhecer os autores amazonenses e suas obras.

Pode-se inferir que esses alunos talvez não saibam que existem autores amazonenses nem que há obras que se passam dentro dos espaços amazônicos. Esse fato é preocupante, uma vez que os alunos, em sua maioria, leem; porém não leem literatura de cunho amazonense. Esses alunos podem acreditar que não exista uma Literatura Amazonense e seus respectivos autores. Isso colabora para um apagamento de nossos autores ou um possível apagamento desses na história da Literatura.

Essa ausência de leitura de autores amazonenses, em parte, pode ser atribuída a formação dos professores que não são preparados nas universidades para abordar esse material nas suas salas de aula quando forem docentes. Isso se percebeu quando os professores afirmaram que não foram preparados para trabalharem essa literatura. Isso se reflete quando menos da metade dos professores não trabalharem com essa literatura.

Porém, os professores compreendem que ao trabalhar a Literatura local “faz com que o aluno reconheça sua cultura e sua identidade. Possibilitando uma melhor compreensão de suas origens”. (Resposta de um dos docentes entrevistados). Mas assim mesmo esse professor não apresenta obras amazonenses para que seus alunos tenham contato.

Dessa forma, se o professor sabe que é importante mostrar a literatura local

aos alunos fazendo com que esses busquem identificar-se, mas ainda assim não trabalha com essa literatura, essa deficiência com certeza se perpetuará. Entretanto, a universidade precisa contemplar um espaço entre suas várias disciplinas para que o próprio discente tome conhecimento de que existe uma Literatura Amazonense e de que essa é necessária ser trabalhada em sala de aula, fugindo inclusive de uma literatura voltada para características estéticas, como o que acontece com o estudo das escolas literárias.

Dos alunos que afirmaram ter lido algo de Literatura Amazonense, muitos disseram não lembrar o nome da obra, outros, entretanto, se resumiram apenas a lendas amazônicas, o que não configura como um quadro total de nossa literatura, pois a Literatura Amazonense não se resume apenas a reprodução de lendas, e sim de um material extenso e rico.

A pesquisa mostrou que a Literatura Amazonense nem é trabalhada em sala de aula nem nas universidades, enquanto material para promover a identidade do indivíduo com os produtos artísticos da região. Dessa forma, nossa literatura pode deixar de ser conhecida não só pelos alunos da educação básica, como também dos discentes da graduação, esses que serão futuros professores da educação básica.

A consequência disso será pessoas que não conhecem a literatura de sua própria região. Promovendo uma total aniquilação dos escritores amazonenses, uma vez que não haverá leitores para esse segmento.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com certeza é preocupante a ausência do trabalho com Literatura Amazonense nas salas de aula da educação básica, e esse é reflexo de universidades que pouco tem se preocupado com isso. Porém, um trabalho deve ser iniciado o mais rápido possível, principalmente pelos professores que já estão nas salas de aula e que têm consciência de que ela é importante na formação de seus alunos.

Esse trabalho não será fácil diante de tantas outras ações que a escola tem atrelado as suas competências. Por esse motivo é que imediatamente se proponham, junto com os cânones literários, obras amazonenses, para que no ambiente escolar os alunos conheçam essas obras.

Também as Universidades devem contribuir propondo mais espaços onde a Literatura Amazonense ganhe notoriedade e assim possam fazer parte das ferramentas que seus discentes, quando professores, possam usar de forma natural em suas futuras salas de aula. Sendo algo natural e necessário, contribuindo para a formação integral dos alunos, além de agregar elementos que favoreçam à identificação do indivíduo ao meio em que está inserido.

Existe a necessidade de que nos cursos de graduação em Letras haja a especificidade de formação de competências e habilidades para que o graduando seja capaz de trabalhar, quando for professor, a condição de formação de identidade

desses referidos alunos, a partir do reconhecimento de sua própria cultura reconhecida dentro da Literatura Amazonense.

Trabalhar a Literatura Amazonense deve ser institucionalizada como força de currículo e não de forma arbitrária, de acordo com as conveniências ou escolhas tanto de instituições quanto de profissionais da área de Letras, que escolhem o que irão trabalhar, deixando de lado, muitas vezes a Literatura Amazonense.

O papel das Universidades do Amazonas, que trabalham com o curso de Letras, precisa ser o de contribuir com a proposta de que a Literatura Amazonense ganhe notoriedade tanto nas várias licenciaturas quanto nos cursos de pedagogia.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Hélder Pinheiro. *O que Ler? Por quê? A literatura e seu ensino*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de (Orgs.) *Leitura de Literatura na Escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Sérgio Roberto. *Interação, Alfabetização e Letramento: uma proposta de/para alfabetizar, letrando*. In: MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. *Letramento Significados e Tendências*. Rio de Janeiro: Walk, 2004.

DALVI, Maria Amélia. *Literatura na escola: propostas didático-metodológicas*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de (Orgs.) *Leitura de Literatura na Escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

INAF. *Indicadores de Alfabetismo Funcional*. Disponível em <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/INAFEstudosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf> Acesso em: 21/10/2018.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?*. São Paulo: Parábola, 2012.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de Leitura: Teoria e prática*. 15 ed. São Paulo: Pontes, 2013.

PISA. *Programa Internacional de Avaliação de Alunos*. Disponível em <<http://download.inep.gov.br/download/internacional/pisa/pisapisa>> Acesso em: 02/12/2017.

SILVA, Márcia Cabral da. *A leitura literária como experiência*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de (Orgs.) *Leitura de Literatura na Escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Anexos

Questionário dos alunos

01) Você tem o hábito da leitura?

() SIM () NÃO

02) Você já leu algum livro de Literatura Amazonense?

() SIM () NÃO

03) Se já leu, qual o nome do livro?

04) Fale um pouco sobre a história.

05) Em sua escola anterior havia o incentivo à leitura?

() SIM () NÃO

Questionário dos docentes

01) A graduação o preparou para trabalhar Literatura Amazônica em sala de aula?

02) Você trabalha Literatura Amazônica em sala de aula?

() SIM () NÃO

03) Se trabalha, que autores você tem o hábito de explorar com seus alunos?

04) Como isso se dá? De que forma você aborda isso?

05) Você acredita que a Literatura Amazônica contribui para a construção da identidade do seu aluno? Fale um pouco sobre isso.

SOBRE A ORGANIZADORA

Angela Maria Gomes - Licenciada em Letras; Especialista em Gestão de Pessoas e Gestão de Treinamento & Desenvolvimento de Pessoas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR) e Coaching em Desenvolvimento Profissional.

Atuação na Educação Formal como: Supervisora de Ensino; Docente em Ensino Médio e Curso preparatório para concursos na área de Língua Portuguesa; Docente em Ensino Superior nas áreas Português Instrumental e Gestão de Pessoas; Relatora do CEP – comitê de Ética em Pesquisa.

Atuação na Educação Profissionalizante como Técnica em Educação Profissional, coordenando cursos de aprendizagem, capacitação e aperfeiçoamento; Instrutora de Desenvolvimento Pessoal.

Participante do Programa Uaná de voluntariado executivo do ISAE/FGV – Curitiba/Pr.

Palestrante nos temas: “Educação: Processo de construção, dos agentes à influência na vida profissional.” ; “Competência Humana como Diferencial Competitivo: Contrata-se pelo currículo, demite-se pelas atitudes.”; “Comunicação Assertiva”;

Atualmente atua na Associação Menonita - Faculdade Fidelis - como docente e revisora dos artigos da Revista científica Cógnito, assim como instrutora de formação continuada para professores na Sem Fronteiras Tecnologia para Educação.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise crítica do discurso 33, 37, 38, 39, 41, 47, 48, 111

Análise do Discurso de Perspectiva Francesa 11

Aparências 11, 15, 16, 17, 18, 19

Atores sociais 101, 103, 104, 105, 106, 111

C

Chão Bruto 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76

Cinema 64, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88

Colaboração 1, 2, 3, 4, 5, 9, 114

Colonialidade 33, 34, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 61, 62

D

Decisão judicial 33, 47

Depressão 11, 12, 18, 19, 20

Discurso 2, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 70, 75, 88, 89, 90, 91, 92, 100, 101, 103, 104, 105, 110, 111, 113, 139

E

Educação Básica 112, 115, 117, 119, 120, 122, 124, 129, 134

Educação inclusiva 33, 34, 36, 37, 38, 42, 47, 48, 92, 99

Eliane Brum 142, 143, 145

Empoderamento 28, 101, 102, 110, 111

Espaço Biográfico 50, 54, 55, 56, 58, 59, 63

Estudantes com deficiência Visual 89, 90, 93, 94, 96, 97, 99

Excluídos 18, 50, 60, 62, 120

F

Faroeste 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87

Feminismo 21, 22, 28, 29, 30, 31

Foco narrativo 82, 142

Formação continuada 1, 3, 9, 147

Formação docente 1, 5, 6, 9

Formação do Professor 2, 99, 123, 124

H

Hernâni Donato 65, 66, 72

J

Jornalismo literário 142, 143, 144, 145, 146

L

LE 1, 112, 116

Letramento 89, 91, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 135

Letramento literário 123, 124, 126, 127, 128, 129, 135

Língua Espanhola 112, 116, 117, 118, 120, 121, 122

Linguística 1, 8, 9, 11, 21, 24, 27, 33, 38, 49, 50, 53, 54, 65, 77, 89, 90, 99, 101, 103, 105, 111, 112, 115, 116, 118, 122, 123, 138, 142, 147

Literatura Amazonense 123, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Literatura Social 65

M

Mal Secreto 11, 12, 14, 15

Maria Moura 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88

Memes 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

Minissérie 77, 78, 80, 81, 85, 86, 87

Mulher 28, 29, 30, 31, 69, 70, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 109

Multimodalidade 21, 22, 24, 28, 32, 138, 139, 140, 141

P

PEC 241/2016 112

Pessoa com deficiência 33, 34, 35, 36, 41, 43, 48, 91

Políticas de identidade 50, 60, 61

Prática discursiva 21, 23, 26, 27, 30, 31, 38, 41

Prática inter-reflexiva 1, 5, 6, 7, 9

R

Raimundo Correia 11, 12

Recursos tecnológicos 23, 89, 93, 95, 98, 138

Repórter-personagem 142, 143

Representação de futuro 101, 107

Ressemiotização 138

S

Sociolinguística interacional 138, 139, 140

T

Texto multimodal 21, 24, 25, 138

V

Vídeos 25, 138, 139, 140

Vinculação 22, 142, 143, 144, 145

